Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Winnicott & Klein: influências, continuidades e rupturas

Leopoldo Pereira Fulgencio Junior[1]*, São Paulo*

Este artigo procura elaborar um quadro para compreender as principais influências que a obra de Melanie Klein teve sobre o pensamento de Donald Winnicott, explicitando algumas de suas continuidades e rupturas. Trata-se, em primeiro lugar, de apresentar um critério epistemológico/metodológico para estabelecer uma comunicação possível entre sistemas semântico-teóricos diferentes na psicanálise, considerando, então, os fenômenos descritos (e não os conceitos) como foco de análise e comunicação. Em seguida, objetiva retomar, para uma análise crítica, uma série de possibilidades de compreensão das relações existentes entre as propostas de Klein e Winnicott, começando pelos próprios comentários de Winnicott e, depois, aprofundando o tema com as análises críticas de Adam Phillips, John Padel, Joseph Aguayo, André Green, Susan Kavalier-Adler e Jan Abram & Robert Douglas Hinshelwood. Ao final, procura-se retomar a maneira como Klein descreve o fenômeno da inveja inata *para mostrar que, apesar de Winnicott recusar essa hipótese, ele reconhece a* inveja *– mesmo precoce, mas advinda ou produzida em certas condições específicas – como um fato da existência humana.*

Palavras-chaves: Klein; Winnicott; Metodologia; Influências; Fenômenos; Inveja

[1] Professor associado (Livre Docente) do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). https://orcid.org/0000-0001-5730-7626

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Boa parte das propostas de Winnicott, no que se refere às suas contribuições para o desenvolvimento da teoria e da prática psicanalítica, são dependentes da obra de Klein. Também é um fato a existência de diferenças profundas entre ambos os autores, por exemplo, no que se refere à consideração das determinações ambientais, ao tipo de maturidade ou imaturidade do bebê para estabelecer relações de amor e ódio com os objetos reconhecíveis como não-eu e à adesão ou rejeição da hipótese de uma pulsão de morte e de uma inveja inata, entre outros temas. Por exemplo, em 1969, em uma conferência redigida para uma reunião científica da Sociedade Britânica de Psicanálise, Winnicott afirma:

> Como com frequência declarei, aprendi muita coisa diretamente de Melanie Klein na década que precedeu a guerra. Poder-se-ia dizer que as novas ideias que vieram dela naquele frutífero período de seu trabalho me impressionaram e tiveram um efeito positivo sobre a totalidade de meu trabalho. Descobri-me capaz de usar a sucessão de ideias novas, mas isto nunca se tornou tão obviamente verdadeiro após a guerra e após o período em que a Sra. Klein organizou-se, e a seus colegas, para defender a sua posição. Meus sentimentos a respeito do trabalho da Sra. Klein mudaram na Conferência de Genebra, durante a leitura de seu trabalho sobre a inveja. Não foi fácil perceber por que é que eu não podia mais aceitar o seu novo enunciado teórico. (1989/1994d, p. 351)

Diversos autores já tentaram analisar as proximidades, distâncias, influências, complementaridades, continuidades e rupturas entre Klein e Winnicott, sendo que, em geral, essas análises parecem mostrar, paradoxalmente, que suas obras estão conectadas e, ao mesmo tempo, possuem irredutíveis disparidades conceituais, léxicas e semânticas. A compreensão das relações entre estes autores não é obra de um livro, e muito menos de um artigo, dada a amplitude e a complexidade de suas contribuições; é como se, por analogia, estivéssemos discutindo as diferenças entre Newton e Einstein, ou entre a física clássica e a relativista, o que aponta para a impossibilidade de responder a todas as questões colocadas por tal problema. No entanto, podemos marcar alguns pontos e, assim, delimitar um quadro dentro do qual uma série de estudos e análises mais completas possam vir a ocorrer. É este o objetivo do presente artigo.

Sendo sintético na explanação da minha posição, apresento algumas considerações epistemológicas e metodológicas para estabelecer um diálogo

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

entre autores que têm semânticas teórico-conceituais diferentes: considero que os *fenômenos descritos* por Klein, com a concordância ou discordância (parcial ou total) de Winnicott, são os elementos propriamente incorporados por Winnicott na sua maneira de teorizar e descrever os fatos clínicos, bem como para elaborar uma teoria do desenvolvimento emocional. Essa perspectiva, que coloca os fenômenos e não os conceitos como elos para o diálogo, pode ser um caminho frutífero para realizar uma comunicação e avaliação crítica entre as propostas teórico-clínicas de Klein e Winnicott, respeitando-se as suas diferenças semânticas.

Para explicitar este tipo de influência de Klein sobre Winnicott, em primeiro lugar, retomarei o que considero ser um *solo comum* compartilhado por todos os psicanalistas. Em seguida, irei me dedicar à análise dos comentadores das relações entre Klein e Winnicott para, ao final, indicar como o conceito de *inveja inata* foi tão rejeitado quanto incorporado pelo sistema teórico de Winnicott.

1. O *common ground* dos psicanalistas

Freud afirmou que os fundamentos da teoria psicanalítica eram os seguintes: o reconhecimento dos processos psíquicos inconscientes; a importância dada à sexualidade infantil e ao complexo de Édipo; a compreensão psicanalítica da natureza e do modo de funcionamento dos sonhos e, por fim, o reconhecimento da transferência e da resistência no curso do tratamento pelo método psicanalítico (Freud, 1905/1953, 1914/1957, 1923a/1955, 1923b/1961, 1933/1964).

Klein e Winnicott compartilham desses fundamentos, ainda que possam ter descrições e referentes um pouco diferentes para cada um deles: não se trata do mesmo tipo de inconsciente, especialmente nas fases mais primitivas do desenvolvimento; não se dá a mesma importância e o mesmo lugar para a sexualidade infantil e para o complexo de Édipo; não se lida com a transferência e a resistência (especialmente no que se refere ao reconhecimento do ambiente na sua realidade) da mesma maneira, etc.

Klein se coloca – e é reconhecida – como freudiana. Winnicott, por sua vez, ainda que alguns o distanciem de Freud, considera-se um produto da escola freudiana, sem, no entanto, concordar com tudo que ele propôs. Winnicott (1965/1999) diz, nesse sentido:

> O leitor deve saber que sou um fruto da escola psicanalítica, ou freudiana. Isso não significa que eu tome como correto tudo o que Freud disse ou escreveu; isso seria em todo caso absurdo, visto que Freud continuou desenvolvendo

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

> suas teorias – isto é, modificando-as (de modo ordenado, como qualquer cientista) – até o momento de sua morte, em 1939. (p. 29)

Ao reconhecer o que Freud nos ensinou de fundamental, Winnicott (1965/1999) diz: "[Freud] começou uma abordagem científica do problema do desenvolvimento humano (...) ele nos deu um método a ser usado e desenvolvido, através do qual poderemos checar as observações dos outros e contribuir com as nossas próprias observações" (p. 29). Mais do que isto, Winnicott redescreveu uma série de conceitos propostos por Freud (inconsciente, sexualidade, complexo de Édipo, Id, Ego, Superego, narcisismo primário etc.), dando a eles uma nova realidade (cf. Fulgencio, 2010, 2013a, 2013b, 2013c, 2014a, 2014c).

Neste artigo, procuro demonstrar que Winnicott possui, em relação à Klein, uma posição análoga a que esta teve com Freud, seja aceitando e reiterando suas descobertas empíricas, seja redescrevendo e/ou recusando suas especulações. Trata-se de colocar este tipo de análise em um quadro geral crítico-avaliativo, não propriamente para esgotar a problemática, mas para que, em sendo enquadrado o campo de trabalho crítico, seja possível estabelecer a direção para futuros aprofundamentos, respeitando-se uma *ética da terminologia* (na qual são conhecidos e respeitos os sentidos e referentes dos termos usados), assim como observando um procedimento epistemológico e metodológico para seu desenvolvimento.

2. Reconhecimento e crítica de Winnicott das contribuições de Klein

Quando Winnicott procura resumir as contribuições de Klein que não podem ser desperdiçadas pela psicanálise (1965/1983b), ele se refere aos seguintes assuntos:

a) *fatos e fenômenos* que passaram, então, a ser vistos e considerados: o reconhecimento das fantasias inconscientes infantis, bem como dos impulsos e objetos benignos e persecutórios (os quais têm origem nas experiências instintivas – pulsionais – das crianças); a compreensão de mecanismos projetivos e introjetivos na primeira infância, associados às funções corporais, incorporação e excreção; o desvelamento dos impulsos destrutivos nas relações objetais devido à frustração em relação ao objeto; a compreensão da defesa maníaca como uma negação da depressão; o reconhecimento de que, no início, a criança pode viver um tipo de angústia de aniquilamento; o reconhecimento de que a criança tanto pode ter sentimentos e impulsos de retaliação, como também fazer

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

um tipo de cisão do *self* e dos objetos, separando seus aspectos bons e maus, antes que a possibilidade de apreender e viver a ambivalência tenham sido conquistadas.

b) *modificações técnicas* que ampliaram o poder de ação do método psicanalítico (no tratamento de crianças, *borderlines* e psicóticos): a técnica psicanalítica ortodoxa como adequada para o tratamento de crianças (de 2,5 anos de idade para frente), de pacientes psicóticos e *borderlines*; a técnica do brincar, com o uso de brinquedos pequenos, considerada como uma expressão do associar livremente do adulto.

Winnicott (1960/1983a) também se refere às descobertas de Klein relativas à primeira infância – focadas no reconhecimento da agressividade (antes da agressão ser uma reação à frustração) e dos mecanismos de defesa (cisão, projeção e introjeção) contra as ansiedades primitivas, advindas das relações objetais primitivas –, considerando que ela procurou descrever a vida do lactente nas fases iniciais do desenvolvimento emocional, mas não teria dado atenção suficiente à dependência do bebê em relação ao ambiente (à mãe-ambiente) nas fases mais primitivas do desenvolvimento.

Ao fazer um balanço das contribuições de Klein, Winnicott afirma que a "posição depressiva" foi uma descoberta de mesmo peso que o complexo de Édipo por Freud. Winnicott não está se referindo ao conceito, mas à compreensão de um conjunto de fenômenos e as suas relações. Neste balanço, ele também reconhece como *duvidosas* as especulações kleinianas sobre a pulsão de morte e sobre a inveja e agressividade inatas.

Pode-se dizer que todos os fenômenos descritos por Klein (relação mãe-bebê, fantasia inconsciente, brincar, complexo de Édipo precoce, posição depressiva etc.) foram redescritos e teorizados por Winnicott, mas através de um léxico e em um quadro teórico diferente do dela (elaboração imaginativa, gesto espontâneo, amalgama mãe-bebê, ilusão de onipotência, concernimento, integração da sexualidade no *self*, relações entre pessoas inteiras etc.). Da mesma forma, as especulações kleinianas, tais como a suposição da existência de uma *inveja inata* e a reiteração da *pulsão de morte* proposta por Freud, foram consideradas duvidosas, sendo rejeitadas. Em geral, as rejeições de Winnicott correspondem a especulações ao que ele percebe como uma descrição inadequada dos fenômenos – por exemplo, considerar que o complexo de Édipo poderia ser descrito em termos de objetos parciais (cf. Fulgencio, 2012; Marchiolli & Fulgencio, 2012).

Assim, o que Winnicott critica com veemência nas propostas de Klein são justamente alguns pressupostos e conceitos que não correspondiam àquilo que ele

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

constatara a partir da realidade infantil e da realidade clínica, a saber: a consideração de que o bebê pode ter relações de objeto (amor e ódio em relação a objetos dados como externos) desde o início de sua vida pós-natal; o foco excessivo dado à realidade infantil interna (com a não consideração mais efetiva das determinações do ambiente); a teoria da agressividade, elaborada em função da hereditariedade e da inveja inata; a pouca importância atribuída ao ambiente, seja na compreensão, seja na ação clínica, e suas determinações para o desenvolvimento emocional.

3. Análise crítica das propostas de compreensão das relações entre Winnicott e Klein

Winnicott considera-se um cientista que construiu sua compreensão a partir de Freud, afirmando ser um freudiano para além de Freud (cf. Fulgencio, 2010; Winnicott, 1989/1994b). No caso de Klein, porém, Winnicott jamais se colocou como kleiniano, da mesma forma que também nunca foi visto desta maneira, ao menos na sua época. Greenberg e Mitchell (1983) já haviam notado, em um de seus comentários sobre Winnicott, que ele usava termos comuns a diversos outros psicanalistas, mas com sentidos diferentes daqueles originalmente empregados:

> Winnicott conserva a tradição de maneira curiosa, em grande parte distorcendo-a. A sua interpretação dos conceitos freudianos e kleinianos é tão idiossincrática e tão pouco representativa da formulação e intenção originais deles a ponto de torná-las às vezes, irreconhecíveis. Ele reconta a história das ideias psicanalíticas não tanto como se desenvolveu, mas como ele gostaria que tivesse sido, reescrevendo Freud para torná-lo um predecessor mais claro e mais fácil da própria visão de Winnicott. (p. 139)

Já indiquei, *grosso modo*, a maneira pela qual considero que Klein influenciou Winnicott e, agora, proponho retomar, para uma análise crítica, as posições de outros autores que se dedicaram a analisar as relações entre Klein e Winnicott, a saber, aquelas apresentadas por Adam Phillips (1988), John Padel (1991), Joseph Aguayo (2002), Robert Ehrlich (2004), André Green (2005b), Meira Likierman (2007), Susan Kavalier-Adler (2014) e Jan Abram & Robert Douglas Hinshelwood (2018). Ao fazer uma avaliação crítica desses comentadores, o objetivo também é inserir os seus trabalhos no mesmo quadro epistemológico-metodológico que estou propondo, analisando criticamente as suas propostas.

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Adam Phillips (1988) defende que Winnicott não pode ser entendido sem referência a Klein, pois sua obra está em *constante diálogo* com as propostas dela. Além disso, Winnicott usa uma série significativa de fatos explicitados por Klein, tais como a importância do mundo interno e seus objetos, o poder difundido e complexo das fantasias infantis inconscientes, a noção de avidez primitiva etc. No entanto, quando se refere a Freud, Phillips marca uma divergência que também deve ser considerada em relação à Klein:

> Enquanto Freud se preocupava com as enredadas possibilidades de satisfação pessoal de cada indivíduo, para Winnicott essa satisfação seria apenas parte do panorama mais amplo das possibilidades para a autenticidade pessoal do indivíduo, o que ele chamará de "sentir-se real". Na escrita de Winnicott, a cultura pode facilitar o crescimento, assim como o pode a mãe; para Freud, o homem é dividido e compelido, pelas contradições de seu desejo, na direção de um envolvimento frustrante com os outros. Em Winnicott, o homem só pode encontrar a si mesmo em sua relação com os outros, e na independência conseguida através do reconhecimento da dependência. Para Freud, em resumo, o homem era o animal ambivalente; para Winnicott, ele seria o animal dependente, para quem o desenvolvimento – a única "certeza" de sua existência – era a tentativa de se tornar "separado sem estar isolado". Anterior à sexualidade como inaceitável, havia o desamparo. Dependência era a primeira coisa, antes do bem e do mal. (Phillips, 1988, p. 29)

Neste livro, Phillips aponta uma série de divergências entre Winnicott e Klein: a diferente concepção sobre o que é o mundo primitivo do bebê, especialmente no que se refere à recusa que Winnicott faz da descrição kleiniana (posição esquizo-paranóide) dessa fase inicial; os modos de considerar o ambiente – e a sua importância – no processo de desenvolvimento e nos tratamentos psicoterápicos (psicanalíticos ou feitos com base na compreensão psicanalítica); a compreensão do que é o *self*, termo que não estaria presente tanto em Freud quanto em Klein; as relações de dependência como fator determinante do desenvolvimento e da ação clínica, etc.

Ele também considera que cada grande autor, fundador de um sistema teórico amplo e consistente na psicanálise, está olhando para um aspecto específico da realidade, vendo um determinado conjunto de fenômenos e problemas ao mesmo tempo em que foca a sua teoria em um aspecto ou colapso específico do processo de desenvolvimento:

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

> Cada teórico da psicanálise, poder-se-ia dizer, organiza sua teoria em volta do que poderia ser chamado de uma catástrofe essencial, para Freud era a castração; para Klein, o triunfo da pulsão de morte; e para Winnicott era a aniquilação do *self* central pela intrusão, como falha no ambiente de sustentação. (Phillips, 1988, p. 209)

Todas estas considerações de Phillips fornecem uma apreensão objetiva das diferenças entre Winnicott e outros autores, em especial Freud e Klein, distinguindo aquilo que Winnicott, Klein e Freud teriam visto de forma diferente, assim como os assuntos que um deles teria visto e que não foram considerados em outro sistema, com ênfase, evidente, nas propostas de Winnicott. No entanto, ao comentar o *constante diálogo* entre Winnicott e Klein, ele não se detém a diferenciar a disparidade e a incomensurabilidade entre sistemas teóricos tão díspares, nem a distinguir, na análise dessas diferenças, o que são os fenômenos descritos e o que são os conceitos propostos. Isto poderia, assim, obscurecer uma análise mais objetiva do que constituem as continuidades e rupturas entre estes autores, bem como a especificidade de cada sistema.

John Padel, no seu artigo *The psychoanalytic theories of Melanie Klein and Donald Winnicott and their interaction in the British Society of Psychoanalysis* (1991), procurou explicitar quais seriam as *interações conceituais* entre Klein e Winnicott, considerando ambos como fundadores da escola das relações de objeto na psicanálise. Sua análise destaca a recusa que Winnicott fez da expressão "posição esquizo-paranóide", tida como inadequada para se referir ao que ocorre com o bebê nas primeiras semanas de vida, bem como a crítica que Winnicott fez a Klein por ela não ter considerado adequadamente o ambiente externo. Com esse foco, o autor faz uma série de comentários que giram em torno da questão da compreensão da natureza, função e dinâmica do modo de ser do bebê no mundo, afirmando, então, qual era o seu propósito e sua hipótese:

> Acredito que Winnicott e Klein estavam tentando explicar o mesmo tipo de experiência, mas que nenhum deles podia aceitar a linguagem do outro ao explicá-la. Klein precisava usar termos que descreviam os atos psíquicos de *uma* pessoa (bebê, criança ou paciente) sem considerar o comportamento ou as ações do outro (que estava separado, mas que era seu objeto). Então, ela usou o termo *identificação projetiva* (e *introjetiva*); a identificação era a consequência do comportamento, mas era uma experiência psíquica e não um ser real. Winnicott precisava de um relato que enfatizasse a realidade do

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

> relacionamento entre uma pessoa e a outra, mais principalmente a realidade da identidade passada da mãe e do self de cada um. (Padel, 1991, p. 342, tradução livre)

Creio que a consideração de que tanto Klein quanto Winnicott procuram descrever e/ou compreender o que ocorre com o bebê nas fases mais primitivas do desenvolvimento não é suficiente para afirmar que suas teorias (sobre estas fases) têm os mesmos referentes. Para vermos que eles não estão se referindo ao mesmo bebê, basta chamar a atenção para o fato de que Klein defende que o bebê, desde o seu início pós-natal, já tem a capacidade para estabelecer efetivas relações de objeto (Klein, 1952/1991), ao passo que Winnicott considera o bebê imaturo para estabelecer tais relações (1988). Poderíamos, também nessa direção, explicitar que o modelo ontológico de homem proposto por Klein e por Winnicott não é o mesmo, pois a inserção da noção de ser na psicanálise, feita por Winnicott, corresponde, como comenta René Roussillon (2009), a uma ruptura epistemológica (cf. Fulgencio, 2014b e 2020a, para uma análise mais detalhada da natureza e das consequências dessa ruptura). Há determinadas realidades, referentes, que também não estão presentes nos dois autores (*self*, ser, ilusão de onipotência, Édipo precoce etc.), o que torna impossível fazer certas sínteses ou até afirmar que eles podem estar falando o tempo todo da mesma realidade.

Joseph Aguayo (2002), por sua vez, procura descrever *afinidades* e *divergências* entre Klein e Winnicott, principalmente na sua análise acerca da maneira díspar como eles incluíram o ambiente e suas determinações nas respectivas teorias. Seu artigo, a meu ver, parece apontar para o fato de que tanto Klein como Winnicott estariam olhando para o mesmo campo de fenômenos, desconsiderando, pois, que Winnicott, ao redescrever Freud e Klein, teria ampliado e/ou modificado não só a teoria, mas os referentes fenomenológicos destas teorias.

Aguayo (2002) mostra que Klein influenciou Winnicott, e talvez também o inverso, mas não esclarece como esta influência foi operada, dado que não faz a distinção entre a influência via compreensão dos fenômenos e a influência por importação de conceitos. Ele considera que tanto Klein como Winnicott se propuseram a fazer uma extensão da segunda teoria freudiana sobre a estrutura do psiquismo. No entanto, o autor não se deteve a diferenciar a natureza dos conceitos metapsicológicos, que são construções auxiliares de valor apenas heurísticos, daqueles conceitos que possuem referentes objetivos na realidade factual (cf. Fulgencio, 2005, 2018). Ao não fazer tais distinções, e nem considerar a questão epistemológica da comensurabilidade e/ou incomensurabilidade entre sistemas teóricos díspares (cf. Fulgencio, 2020b), sua proposta perde objetividade. A meu

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

ver, após estabelecida uma base conceitual (segunda tópica, pulsão de morte etc.), não se trata de afirmar que tanto Klein como Winnicott fizeram expansões da teoria, mas constatar, em outra direção, que as descobertas de ambos, cada uma à sua maneira, chamam a atenção para um determinado conjunto de fenômenos ("veja isto!", "considere tal fato!" etc.), os quais, uma vez apreendidos, seriam redescritos por cada autor.

Robert Ehrlich (2004) faz uma ampla análise das *diferença*s e *oposições* que Winnicott possui em relação à obra de Klein, muitas delas já citadas neste artigo. No entanto, a sua proposta de entendimento dos impulsos ou razões que levaram Winnicott a apresentar diferenças, às vezes até mesmo se opondo a Klein, *parece se apoiar nos problemas e ambiguidades pessoais de Winnicott na sua relação de admiração e inveja em relação à Klein*. Ehrlich considerou que a obra de Winnicott é uma reação, uma resposta à Klein, movida por questões afetivas (uma disputa relativa ao seu lugar no mundo), levando-o a criticá-la e a fornecer alternativas ao seu pensamento, sem considerar com mais rigor, e sem entender mais profundamente, o que Klein havia proposto. Enfim, com base na suposição de quais seriam os conflitos pessoais de Winnicott, ele conclui: "É preocupante que Winnicott tenha ficado tão imerso em sua própria perspectiva que às vezes não tenha apreciado com precisão os pontos de vista de Klein, mesmo quando a estava criticando" (Ehrlich, 2004, p. 480, tradução livre).

Creio ser muito difícil – na verdade, impossível – interpretar a vida emocional de Winnicott em função do seu texto ou de sua história, procurando, com isso, validar ou não suas teorias e suas propostas. Este não me parece ser, ao menos, o espírito que deve nortear os parâmetros da ciência. Nenhum físico valida o que Einstein fez pelo fato de ele ter sido um bom ou mau pai, ter tido ou não conflitos emocionais, etc., mas porque suas teorias enunciaram e resolveram problemas da física. Mais importante ainda, as teorias de Einstein se mostraram mais eficazes em descrever a realidade dos fenômenos que procurava explicar.

Se afastarmos esse argumento, recusando-nos a analisar as teorias e propostas de Winnicott em função dos seus sentimentos e conflitos pessoais, dedicando-nos a verificar se as descrições dos fatos do desenvolvimento emocional e das psicopatologias (suas gêneses, suas dinâmicas etc.) têm, no mínimo, um valor heurístico para a resolução dos problemas pertencentes ao campo da psicanálise, talvez possamos fazer a teoria psicanalítica se desenvolver, sem perguntarmos quem tem a verdade. Nessa direção, não caberia saber quem influenciou quem exatamente, e sim como os fatos foram descritos a partir do que os psicanalistas tinham proposto até então.

André Green (2005a, 2005b, 2010[2005]) refere-se à proximidade e à

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

distância de Winnicott em relação a Klein, considerando que Winnicott corresponde a uma espécie de transição entre Freud e Klein. Green reconhece a importância de retomar Freud como tarefa básica-fundamental e, ao fazer isto, chama a atenção para algumas posições de Winnicott:

a) A não utilização do conceito metapsicológico de aparelho psíquico de Freud;
b) A não redutibilidade dos impulsos básicos do ser humano às pulsões;
c) A consideração de que não existe uma relação de objeto propriamente dita desde o início, com a inserção das noções de objeto subjetivo e transicional;
d) A consideração de que a sexualidade infantil não tem o mesmo lugar estruturante e definidor da organização psíquica que apresenta em Freud e em Klein;
e) A consideração de um elemento feminino puro e um elemento masculino puro, algo totalmente diferente da tese freudiana da bissexualidade constituinte do ser humano;
f) E, ao final, um ponto de acordo, a centralidade da teoria psicanalítica sobre os sonhos.

A continuidade de suas análises parece mais destacar as *diferenças* entre Klein e Winnicott (identificação projetiva, crítica à pulsão de morte e à inveja inata, o brincar etc.) do que estabelecer *conexões, proximidades, influências e continuidade*s. Além disso, Green criticou Winnicott por ter problemas emocionais pessoais que o impossibilitavam de lidar com a agressividade e a destrutividade no ser humano, afirmando que a proposta de um elemento feminino puro (recusando a pulsão de morte) seria, na verdade, um comportamento defensivo (Green, 2010[2005]).

Sem entrar em uma discussão mais detalhada sobre a posição de Green, o que já fiz em outro lugar (Fulgencio, 2015), creio que a maneira como ele abordou o problema das relações entre Klein e Winnicott, ainda que com uma precisão de entendimento que muito nos esclarece sobre a posição teórica de cada um deles, não faz uma distinção entre os conceitos e seus referentes, tornando difícil apreender quais são os elementos passíveis de comparação entre os autores analisados.

Meira Likierman (2007), reconhecendo as divergências entre os contextos teóricos de Klein e de Winnicott (as concepções de ambos sobre o que é o ser humano colocam-nos em perspectivas díspares), e considerando que a tentativa de uma síntese entre sistemas seria um erro metodológico, avalia que tanto o enclausuramento em um sistema quanto a mistura dos sistemas não seriam opções válidas. Propõem, então, a procura de uma terceira via para compreender as mútuas

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

influências entre estes autores, buscando a *complementaridade* de suas propostas, tendo em vista o próprio desenvolvimento da teoria psicanalítica. Diz Likierman (2007):

> Embora nem a polarização nem um *pick-and-mix* simples seja uma alternativa satisfatória, é possível argumentar a favor de uma terceira opção, a de complementaridade. De fato, existem áreas da teoria, tanto em Winnicott e Klein, que poderiam servir de base para criar uma [área] intermediária, mas teoricamente e clinicamente uma área útil. Uma área desse tipo não exclui a presença de ambos os aspectos semelhantes e diferentes da teoria; de fato, a complementaridade também esclarece áreas do pensar que poderiam fazer adições mutuamente compatíveis a um entendimento particular. (p. 114, tradução livre)

Likierman (2007) considera possível a existência de uma área de comunhão entre os sistemas teóricos de Klein e de Winnicott, uma zona onde poderiam ser encontradas complementariedades em relação a um determinado tema ou fenômeno. Ela propõe, então, fazer esta tentativa de análise em função do conceito de *reparação*: "O conceito de reparação, de Klein, é original e impressionante em seu escopo, mas é incompleto, pois ela não sugere um processo psíquico que permita a reparação, apenas descrevendo seu resultado" (p. 125, tradução livre). Para isso, Likierman procura retomar as obras de Klein e Winnicott, apresentando uma visão geral sobre cada um, para analisar especificamente o conceito de *reparação*. Ao retomá-los, ela chama a atenção para o fato de que tanto Klein como Winnicott procuram pensar as áreas mais primitivas do desenvolvimento (a relação com a mãe ou com o seio) de uma maneira que teria ultrapassado o ponto de vista de Freud: "Ambos acreditavam que a necessidade do bebê é pela pessoa da mãe, e por uma dual conexão fisiológica e emocional com ela" (p. 115, tradução livre). Likierman segue sua análise abordando a recusa que Winnicott fez dos conceitos de *pulsão de morte* e de *inveja inata*, acabando por destacar, como um problema sobre o qual os dois teriam se debruçado, a questão da ansiedade vivida pelo bebê logo no início do seu desenvolvimento pós-natal.

Creio que Likierman também não faz distinções que reconheçam mais claramente as diferenças entre Klein e Winnicott, pois não menciona o fato de que conceitos (mesmo com nomes similares ou próximos) em sistemas diferentes têm diferentes referentes. Seria o caso, por exemplo, da distinção entre as *angústias de aniquilação*, propostas por Klein, e as *angústias impensáveis*, abordadas por Winnicott, ambas procurando descrever o que ocorreria, em determinadas

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

condições, com o bebê nas suas fases mais primitivas. Não se trata da mesma concepção ontológica de ser humano ou do mesmo bebê (com suas maturidades e imaturidades) em um e outro autor! Talvez só na fase do concernimento, em Winnicott, e na posição depressiva, em Klein, seja possível encontrar referentes mais ou menos similares. Por outro lado, talvez eles sejam mesmo complementares, mas não em um mesmo quadro teórico, dado que aquilo que está sendo reparado, tanto para um quanto para o outro autor, parece-me colocar Winnicott e Klein em focos e problemas diferentes.

Susan Kavalier-Adler, no livro *The Klein-Winnicott dialectic. Transformative new metapsychology and interactive clinical theory* (2014), considera a existência de *conflitos* conceituais importantes quando as posições de Klein são comparadas com as de Winnicott, mas defende que *contribuições de ambos talvez possam ser integradas em uma base fenomenológica comum*. Ela defende, assim, que aquilo que Klein procurou descrever (fenomenologicamente) com a sua teoria da posição esquizo-paranóide e da posição depressiva, corresponde ao mesmo campo de fenômenos teorizados por Winnicott, adotando outra linguagem e recusando a pulsão de morte.

Por um lado, é fato que ambos se ocuparam dos estágios mais primitivos do desenvolvimento, mas isto não significa que Klein e Winnicott, com suas teorias e conceitos, estejam se referindo à mesma realidade, aos mesmos fenômenos. Ela se propõe, então, a fazer uma síntese dialética apoiando-se não só em Klein e Winnicott, mas em outros psicanalistas (tais como Fairbairn, Kohut, Balint, Bion, Fonagy, Mahler, Ogden), amalgamando tais autores a partir de suas próprias concepções e interpretações, tudo para apresentar uma "teoria de desenvolvimento integrada". Kavalier-Adler, assim como fizeram outros já citados (Padel, Aguayo e Green), retoma a história de vida pessoal de Klein e Winnicott, procurando esclarecer as escolhas, ênfases e eventuais falhas nos sistemas teóricos dos dois autores. Dados deste tipo podem indicar campos de interesse, compromissos afetivos capazes de orientar e até mesmo limitar o pensamento científico de um autor, mas não podem servir como critério de avaliação de uma teoria. É necessário lembrar que as teorias valem pelo seu poder de descrever sinteticamente os fatos, ou ainda por seu poder heurístico na resolução de problemas de um determinado campo do conhecimento, e não porque os seus autores possuem tal ou tal história afetiva.

Mais especificamente sobre as relações Klein-Winnicott, Kavalier-Adler escreve, sem apresentar referências bibliográficas mais precisas (citando, por vezes, tomos das obras completas de Klein e, quanto à Winnicott, alguns livros e um que

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

outro texto, mas sem mencionar os locais exatos onde o leitor poderia encontrar as passagens que sustentariam as suas afirmações):

> Winnicott era um teórico kleiniano. Como aqueles que estão familiarizados com o trabalho de Klein e Winnicott estão bastante conscientes, Winnicott estava em um diálogo contínuo com a teoria kleiniana em praticamente todos os seus próprios trabalhos. Klein tornou-se uma película sobre a qual Winnicott poderia lançar suas visões cada vez mais distintas e parcialmente polarizadas. Enquanto Klein (1932, *The psychoanalyse of children*) escreveu sobre a boa mãe interna, Winnicott (1960a, "The theory of the parent-infant relationship") escreveu sobre a mãe externa "suficientemente boa". Enquanto Klein (1957, *The writings of Melanie Klein. Volume III. Envy and gratitude and Others works 1946-1963*) escreveu sobre ansiedades depressivas de machucar ou matar aquele que um precisa e ama, com um resultante remorso e arrependimento focado no outro, Winnicott (1965, *The maturational process and the facilitating environment*) escreveu sobre "a capacidade de preocupação". Enquanto Klein (1975, *The writings of Melanie Klein. Volume I. Love, guilt and reparation and Others works 1921-1945*) escreveu sobre o espaço interno do mundo, Winnicott (1971a, "Transitional objects and transitional phenomena") escreveu sobre o espaço de transição e potencial. Enquanto Klein (1975) escreveu sobre agressão inata, Winnicott (1947, "Hate in the countertransference") escreveu sobre ódio. Enquanto Klein (1975) escreveu sobre a manutenção da conexão autêntica e amorosa com objetos, através de remorso e reparação, Winnicott (1960b, "Ego distortion in terms of true and false self") escreveu sobre o fato de o verdadeiro eu poder emergir das relações objetais a partir de dentro. Enquanto Klein (1957) escreveu sobre a interpretação de impulsos e fantasias de raiva retaliatória, muitas vezes baseadas na inveja, a fim de promover a capacidade de amar através da consciência do ódio e do seu significado, Winnicott (1971b, *Playing and reality*; 1975, *Through paediatrics to psycho-analysis*) escreveu sobre a sobrevivência não-interpretativa do analisa de uma raiva primordial, sem retaliação ou abandono por parte do analista. (Kavalier-Adler, 2014, p. 60, tradução livre)

Ao proceder dessa maneira, Kavalier-Adler considera que eles escreveram diferentes teorias ou abordagens para tratar dos mesmos fenômenos. No entanto, os sistemas teóricos desenvolvidos por Klein e Winnicott apresentam divergências estruturais significativas, seja de modelo ontológico, seja no que se refere ao

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

entendimento do que é e do que pode o bebê, em termos relacionais, no seu início pós-natal. Além disso, existem termos irredutíveis entre os seus léxicos, tais como *self*, *ser*, *elemento feminino puro*, etc.

Jan Abram e Robert Douglas Hinshelwood (2018) realizaram, até onde sei, o trabalho mais completo e cuidadoso na análise das semelhanças, influências e diferenças entre Winnicott e Klein. Eles apresentam um quadro de discussão temática amplo e muito detalhado, reconhecendo os pontos de concordância e discordância destes autores, enfatizando que ambos foram pioneiros na compreensão das relações primitivas mãe-bebê, mas constituíram paradigmas semântico-teóricos diferentes. Ao listarem os pontos de concordância e discordância entre Klein e Winnicott, eles revelam um conjunto amplo de temas e problemas, tais como: a técnica para a análise de crianças com o uso de brinquedos, ambos concordando sobre a importância dessa proposta; as fantasias inconscientes como algo a ser sempre considerado desde as origens, ainda que discordem sobre o que seja a fantasia na existência do bebê; a primazia dos instintos, para Klein, ou do ambiente, para Winnicott; a defesa e apoio da pulsão de morte, em Klein, e a sua recusa, por Winnicott, considerando-a como um erro de Freud e de Klein na tentativa de explicarem as origens da agressividade e da compulsão à repetição; a natureza e a importância da atividade de brincar, tanto clínica como na vida ordinária, sendo, para Klein, uma atividade expressiva valendo pelos símbolos e afetos que expressa, ao passo que, para Winnicott, é uma atividade que tem valor em si mesma; a existência, para Klein, da possibilidade de relações de objetos desde o início pré-natal e, portanto, a existência de um Ego precoce, enquanto que, para Winnicott, existiria a imaturidade do bebê para ter relações de objeto e ser integrado na sua unidade como sujeito psíquico; a descrição do desenvolvimento em termos de modos de relações objetais, para Klein, e em termos das relações de dependência, para Winnicott; o lugar e o momento em que a sexualidade e o complexo de Édipo têm importância, para Klein, como um dado de base e, para Winnicott, como uma conquista do desenvolvimento. A maneira como estes temas-fenômenos são apresentados também diz respeito às teorias metapsicológicas que os acompanham, abarcando a teoria psicanalítica de um modo mais geral, cuja análise mais detalhada nos levaria a escrever muito mais do que temos aqui o direito, distanciando-nos, creio, do nosso objetivo geral, que consiste em demarcar um quadro para a compreensão das continuidades e rupturas entre as propostas de Winnicott e as de Klein.

A meu ver, Abram e Hinshelwood tocam em muitos temas, mas não enfatizam certas diferenças que me parecem fundamentais, deixando um pouco obscuro o que diferencia Klein de Winnicott e vice-versa, podendo listar os seguintes tópicos:

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

a diferença de modelo ontológico entre eles, bem como o lugar da noção de ser, distinguindo os modelos ontológicos em jogo; o modelo de saúde e o de fim de análise; o reconhecimento mais claro dos fenômenos, acontecimentos e problemas que não são redutíveis à administração da vida instintual nas relações interpessoais (ou seja, da sexualidade no cenário edípico); a compreensão da ação de brincar como fundamento da prática clínica e da própria natureza humana, por Winnicott, tornando-se algo que não só tem valor para além de ser expressão simbólica do mundo interno, mas valor em si mesmo (brincar que será um modelo para a prática clínica); o lugar da angústia e da dependência no processo analítico, recolocando a importância do ambiente; e, ao final, o reconhecimento de que, no fim de análise, não teríamos *inveja e gratidão*, mas autonomia sentida como conquistada por si mesmo, sem dívida com o analista, mas experimentando amor por ele, tal como nas relações saudáveis entre pais e filhos. Todos estes temas constituem, na minha opinião, em pontos a serem ainda analisados com maior profundidade, tanto para compreender as diferenças entre estes autores quanto para reconhecer continuidades e possibilidades de diálogos, tendo em vista o desenvolvimento da psicanálise como ciência e como *práxis*.

Em resumo: na perspectiva de análise que estou apresentando, não há integração ou síntese possível entre sistemas teóricos díspares. O que um sistema pode fazer é fornecer elementos factuais-descritivos capazes de servir como *incitações* para que outro sistema os redescreva no seu próprio quadro conceitual. Não obstante, esses sistemas interferem profundamente uns nos outros, fornecendo horizontes, mostrando fragilidades e mesmo falhas uns aos outros, ocasionando, então, um espaço colaborativo para que as teorias e as práticas de cuidado psicanalíticas possam se desenvolver.

Feito este trabalho de análise crítica metodológica, agora irei me dedicar à apresentação de um exemplo da maneira como podemos compreender as relações de influência entre Klein e Winnicott. Para tanto, será abordado um fenômeno específico, um ponto de divergência, que é a proposta de Klein sobre a origem da agressividade, centrada na sua consideração acerca da existência de uma *inveja inata*, expressa como um tipo de sentimento e modo de relação do bebê com o seio (a mãe) desde seu momento de existência pós-natal.

A maneira como Winnicott abordou este problema também é uma expressão do proceder metodológico que analisei até agora, eis que ele foca a sua atenção nos fatos e problemas que Klein estaria tentando descrever (a inveja, dirigida a algo bom, como um sentimento primitivo, reconhecível nos pacientes em análise) para, então, recusando a solução de Klein, apresentar uma outra resposta (teórica-

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

descritiva) para o problema da origem da inveja no processo de desenvolvimento, seja em termos patológicos, seja em termos de um processo saudável.

Isto corresponde a somente uma das diferenças teóricas existentes entre estes autores. Certamente deveríamos nos ocupar das suas diferenças clínicas e do manejo das relações transferenciais, tratando de temas como: o lugar da angústia no tratamento psicanalítico; a natureza e a função da atividade de brincar, tanto em termos universais quanto clínicos; o reconhecimento do ambiente real, dos pais reais, como importantes para a prática psicanalítica; os objetivos do tratamento psicanalítico para cada autor (o lugar da inveja e da gratidão), etc. No entanto, uma análise de tal tipo nos levaria a ampliar este texto para muito além do espaço que disponho.

Nesse sentido, considero importante indicar a forma com que aquilo que Klein propôs como sendo o referente do conceito de *inveja inata*, pode ou não ser integrado àquilo descrito por Winnicott, mostrando como ele *tanto rejeita* a posição de Klein *quanto integra* o fato de que bebês podem sentir inveja em momentos muito primitivos de seu desenvolvimento, desde que fornecidas certas condições específicas para que tal fenômeno ocorra.

4. Contribuição kleiniana para a compreensão da inveja no quadro do sistema teórico winnicottiano

Com base na sua experiência clínica, Klein considerou que a inveja é um sentimento presente na existência humana desde muito cedo, tendo uma base constitucional (Klein, 1957/1997). Ela afirma que o sentimento de inveja se dirige aos objetos não-eu com os quais o bebê se relaciona. Esta situação relacional levaria, pois, à vivência de um impulso destrutivo em relação ao objeto (esse outro, causa da minha frustração). O fato de o objeto se apresentar como bom e mesmo assim ser invejado é um elemento fundamental no raciocínio de Klein (1957/1997), dado que é por não ser suficientemente bom que ele insere e/ou gera o sentimento de que o objeto retém algo para si, frustrando o bebê: "Um elemento de frustração por parte do seio está fadado a entrar na relação mais inicial do bebê com o seio, porque até mesmo uma situação feliz de amamentação não pode substituir completamente a unidade pré-natal com a mãe" (p. 210). Essa é, por assim dizer, uma tentativa de apresentar uma *explicação descritiva* para a origem do sentimento de inveja. No entanto, Klein acrescenta outra explicação, de natureza *especulativa*, *metapsicológica*: a inveja advém da ação constitucional da pulsão de morte, impulso básico da existência que, ao invés de se dirigir para dentro

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

do indivíduo (colocando-o, pois, em risco de aniquilamento), é defletida para o mundo, dirigindo-se aos objetos externos das mais diversas formas *destrutivas*. Assim, a inveja seria uma manifestação da deflexão da pulsão de morte, dando à relação inicial mãe (seio)-bebê, mesmo que nas situações mais adequadas, um tipo de colorido semântico negativo (impulsos destrutivos) em composição com os possíveis aspectos positivos (impulsos amorosos), expressão vivencial do conflito ontológico entre a pulsão de morte e a pulsão de vida (tal como Freud teria proposto após 1920): o bebê possui impulsos invejosos e destrutivos em relação ao mundo e seus objetos, por melhor que sejam os objetos, eis que este impulso nada mais é do que a própria expressão dos impulsos básicos da existência. Klein (1957/1997) sobrepõe uma suposta compreensão empírica (inveja como fruto de frustração) a uma compreensão especulativa, metapsicológica, edificada sobre sua adesão *realística* à teoria da pulsão de vida e de morte: "A luta entre pulsões de vida e de morte e a resultante ameaça de aniquilação do *self* [devido aos efeitos da pulsão de morte] e do objeto por impulsos destrutivos [deflexão da pulsão de morte] são fatores fundamentais na relação inicial do bebê com sua mãe" (p. 211).

Winnicott reconhece a inveja como algo que faz parte da natureza humana, seja no seu desenvolvimento saudável, seja no desenvolvimento patológico, além de também apontar para o fato de que ela deve ser levada a sério nos processos psicoterápicos psicanalíticos, sendo trabalhada como um fator determinante no processo de cura. No entanto, ele se opõe à maneira como Klein concebe a sua origem (Winnicott, 1959/1994a). Considero que Winnicott retoma a maneira como Klein descreve a origem do sentimento de inveja para, ao se diferenciar dela (rejeitando a sua suposta base constitucional e a especulativa pulsão de morte), descrever as condições de possibilidades empíricas para que este sentimento surja, tanto em fase mais primitivas do desenvolvimento (ressaltando aspectos patológicos do desenvolvimento) quanto em fases posteriores, quando ele faz parte do desenvolvimento saudável.

Nessa direção, é possível afirmar que Winnicott recusou as especulações metapsicológicas de Klein (cf. Fulgencio, Simanke, Imbasciati, & Girard, 2018), mas reteve os fenômenos reconhecidos por ela. Em outros termos, o que ele integrou no seu pensamento, advindo de Klein, foram justamente os fatos descritos e não os conceitos propostos.

Creio que a primeira crítica metodológica feita por Winnicott a Klein corresponde ao fato de que ela projetou aquilo que pôde apreender na sua prática clínica com adultos e crianças (na qual a inveja surgiu como um fator determinante e estruturante das relações transferenciais) para a situação do bebê na sua relação primitiva com a mãe (ou o seio) (1959/1994a). Também nessa direção, Winnicott

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

vai afirmar que Klein não considerou o comportamento ou a qualidade do ambiente ou dos objetos com os quais o bebê se relaciona (1959/1994a). Além disso, uma coisa é o que os pacientes, já desenvolvidos na sua história emocional (saudável ou patológica), trazem e atualizam nos processos transferenciais, e outra bem diferente é o que ocorre nas situações primitivas que caracterizam a situação neonatal e seus primeiros desenvolvimentos (1959/1994a).

Winnicott (1989/1994c) não está negando que alguns pacientes podem invejar aquilo de bom que um analista (ou uma análise) estaria lhe oferecendo (no jargão kleiniano, *invejam o seio bom*), mas uma coisa é reconhecer um fato que deve ser levado em conta nas análises e outra é aceitar a maneira como Klein explica a origem desse mesmo fato, seja no processo analítico, seja na descrição do processo de desenvolvimento.

Ao analisar quais são as condições de possibilidade (tanto em termos cognitivos quanto emocionais) para que a inveja possa surgir (como um sentimento que caracteriza as relações objetais), Winnicott (1959/1994a) diz que é necessário que certas integrações e desenvolvimentos já tenham ocorrido, ou seja, o indivíduo precisa reconhecer um objeto como díspar dele mesmo, mantendo-o estável na sua memória representativa, e necessita que este objeto possa ter qualidades ou propriedades reconhecidas como sendo dele (objeto) e que não estejam presentes no bebê (ou em posse do bebê), além de esta apreensão de si, do objeto e da situação precisar persistir no tempo. Para ele, o sentimento de inveja corresponderia a algo que exige um modo elaborado de estabelecer relação com os objetos, um grau de organização do Ego que não estaria presente no início da vida. Antes de ser atingido este grau de organização do Ego, existe um processo e um estágio anterior a ser percorrido no processo de desenvolvimento emocional.

Isto faz com que Winnicott considere, por um lado, que os bebês inicialmente não têm a possibilidade de invejar, em função de sua imaturidade, e, por outro, que a inveja corresponde a um sentimento capaz de ser descrito e analisado em termos da sua gênese e evolução no decorrer do processo de desenvolvimento, com a aquisição das capacidades para que este sentimento possa surgir. Mais ainda, existe uma descrição do surgimento da inveja quando ocorre um tipo de falha ambiental específica, em um período bem primitivo do desenvolvimento, e há uma outra descrição, característica do desenvolvimento saudável, que ocorre mais tarde, desta vez não devido a uma falha ambiental, mas em função da própria capacidade (maturacional adquirida) da criança no sentido de reconhecer propriedades específicas dos objetos díspares de si mesmo.

Para que um bebê possa sentir *inveja* do *seio bom* (ou seja, do objeto que atende parcialmente às suas necessidades), é preciso que o objeto (a mãe ou o seio)

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

se comportem de uma maneira específica: por um lado, atendendo àquilo que a criança espera e tem necessidade (seja as necessidades do Ego, seja as do Id), de modo que ela possa *ter a experiência do objeto que é bom para ela*, e por outro, ao se retirar dessa posição, que o objeto se coloque fora do alcance da criança, estabelecendo uma situação *tantalizadora* (1959/1994a). Em uma situação de desenvolvimento saudável, na qual o ambiente (mãe, seio) atende às necessidades da criança, sem se retirar antes de tais necessidades (tanto do Id como do Ego) serem atendidas, não surge este sentimento: "Onde as qualidades boas da mãe acham-se disponíveis ao bebê, então a inveja não encontra lugar e a questão dela não surge" (1959/1994a, p. 340).

Winnicott (1959/1994a) refere-se sinteticamente aos acontecimentos que estariam na gênese da possibilidade de sentir inveja:

> Talvez ache aqui uma solução para a dificuldade [em explicar a origem da inveja]. O tema da inveja poderia ser enunciado em termos de um processo de desilusão que começa pela adaptação da mãe e inclui o fracasso gradual dela em adaptar-se, combinado com a capacidade crescente que o bebê tem de lidar com esse fracasso. Naturalmente, tem de haver um fracasso de adaptação (…). Seria então possível ver-se a inveja como uma coisa real na vida do bebê. Ela seria então percebida como um subproduto do relacionamento mãe-bebê em desenvolvimento e da organização do Ego do bebê. (p. 340)

A inveja inata à qual se refere Klein – como sentimento presente desde o início da existência pós-natal como um dado, pois seria constituinte das relações objetais – está, para Winnicott, relacionada a um tipo específico de falha ambiental.

Na situação em que tal falha não ocorre, o bebê – sem saber nada de si mesmo, sem ter a possibilidade cognitiva ou emocional para reconhecer quais são as suas necessidades (nem as do Id, nem as do Ego), sem ter a possibilidade de reconhecer e apreender objetos como distintos de si mesmo, sem ao menos ter a possibilidade de manter a representação dos objetos e de si mesmo como um dado psíquico que se mantém no tempo – quer *algo em algum lugar*, e o ambiente (a mãe-ambiente), em comunicação com esse bebê, oferece (em um período de tempo variável, mas que não decepciona o bebê) aquilo que atende às suas necessidades. Do ponto de vista do bebê, o objeto que atende às suas necessidades *surge* como algo derivado delas (Winnicott dirá que ele *projeta* o objeto que necessita; nós poderíamos dizer que o bebê *cria* o seio que encontra), ainda que, do ponto de vista do observador, veremos uma mãe-ambiente realizando muitas adaptações e *fornecendo* aquilo (os objetos ou cuidados) que atende às necessidades do bebê.

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Usando outro tipo de linguagem, poderíamos dizer, por um lado, que o bebê cria (*projeta*) o *seio bom* de que precisa, e o ambiente, recebendo esse projeto, ou seja, estando em comunicação com o bebê e entendendo o que ele precisa, adapta-se ao bebê, não de forma totalmente perfeita, mas o suficiente para que ele não perca a esperança de ser atendido, o suficiente para que ele não se decepcione, o suficiente para que a *ilusão* de que a sua necessidade foi atendida *como se* derivasse dela mesma o objeto adequado para sua satisfação. Diz Winnicott (1989/1994c), em uma passagem que reitera o que acabo de descrever:

> Onde existe uma mãe suficientemente boa, então o bebê, a princípio, absolutamente dependente, recebe de fato "um seio bom"; a mãe suficientemente boa recebe a capacidade crescente do bebê de ter uma qualidade pessoal de "seio bom" que poderia ser projetada. A mãe suficientemente boa recebe esta projeção. Desta maneira, no decorrer das semanas e dos meses, o seio bom que o bebê usa não constitui apenas uma projeção, mas acha-se também disponível, ainda que externo ao *self*. (…). Nesta fase o bebê está desenvolvendo um sistema de memória e uma percepção de si que se tornam disponíveis para a projeção. A mãe suficientemente boa recebe esta projeção e, desta maneira, a experiência do bebê em relação ao seio bom é um relacionamento com uma projeção provinda do *self*. *Não existe lugar para a inveja aqui.* (pp. 344-345, grifos do autor)

No entanto, quando a mãe-ambiente não faz esse tipo de adaptação, não se encontra lá ou não pode receber a *projeção* feita pelo bebê, então ocorrem diversos tipos de falhas, e ele fica privado da sustentação ambiental. Entre as falhas descritas, há uma na qual a mãe-ambiente inicialmente atende a esta projeção do bebê, em um período de tempo suficiente para que ele possa vivenciar ser atendido (e nesse momento, então, ter a experiência de contato com um *seio bom*), mas ela não mantém no tempo aquilo que oferece, ou seja, retira-se e, ao retirar o *seio bom,* estabelece uma situação tantalizante. Na situação patológica, com o ambiente se comportando dessa forma, surge um objeto bom que é, ao mesmo tempo e de forma paradoxal, também um perseguidor e que precisa ser destruído (Winnicott, 1989/1994c).

De uma maneira mais conclusiva, retomamos o próprio Winnicott (1989/1994c), na sua crítica à solução dada por Klein para a questão da origem da inveja: "não existe lugar em nossa teoria para a inveja que o bebê tem do seio bom quando este é uma projeção, como acontece quando há uma maternagem

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

suficientemente boa" (p. 345). Para ele, a solução de Klein (para a compreensão da destrutividade e/ou agressividade e para o surgimento do sentimento de inveja) não leva em consideração a *qualidade* do comportamento do ambiente (o seio ou a mãe-ambiente) em relação ao bebê, crítica que também teria validade para a compreensão da relação paciente-analista, constituindo um tipo de denegação da importância e da qualidade específica dos cuidados ambientais. No seu ponto de vista, foi justamente essa *denegação implícita do fator ambiental* e da questão da dependência que levou Klein, prematuramente, a supor fatores constitucionais para explicar a origem da inveja e da destrutividade no ser humano (1989/1994c).

A posição de Winnicott em relação às propostas de Klein sobre a inveja conjugam, assim, duas atitudes: por um lado, o reconhecimento dos fatos que ela estaria descrevendo, fazendo uma distinção entre aquilo apreendido no trabalho clínico e aquilo que ela supõe (de forma especulativa) que estaria ocorrendo no início do processo de desenvolvimento e, por outro, em um movimento complementar a esta primeira atitude, ocorre tanto a rejeição das especulações quanto a procura pela explicação descritiva da origem da inveja, levando-se em consideração as qualidades e modos de comportamento do ambiente no cuidado com o bebê, seja na situação do amálgama inicial bebê-ambiente, seja em situações mais tardias do desenvolvimento. Dizendo de uma maneira sintética, Winnicott pôde aproveitar-se daquilo que Klein apreendeu empírica e descritivamente dos fenômenos clínicos e do próprio processo de desenvolvimento emocional para, então, redescrever os mesmos fatos no quadro da sua própria semântica teórica. ❐

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Abstract

Winnicott & Klein: influences, continuities and ruptures

The purpose of this article is to provide a framework to contribute to the understanding of the main influences that Melanie Klein's work had on Donald Winnicott's work, elucidating some of its continuities and ruptures. Firstly, I put forward an epistemological/methodological criterion in order to establish a possible communication between different semantic-theoretical systems in psychoanalysis and then consider that the phenomena described (not the concepts) are the grounds of analysis and communication. Secondly, for a critical analysis, I take another look at a set of proposals to understand the connections between those put forward by Klein and Winnicott, starting with Winnicott's own comments and then deepening this topic through critical analyses by Adam Phillips, John Padel, Joseph Aguayo, André Green, Susan Kavalier-Adler and Jan Abram & Robert Douglas

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Hinshelwood. Lastly, the article reexamines the way in which Klein describes the *innate envy* phenomenon in order to show that despite Winnicott's refusal of this assumption, he acknowledges that *envy* is a fact of the human existence, albeit precocious, but arising from or produced within certain specific circumstances.

Keywords: Klein; Winnicott; Methodology; Influences; Phenomena; Envy

Resumen

Winnicott & Klein: influencias, continuidades y rupturas
Este artículo busca elaborar un marco para comprender las principales influencias que tuvo el trabajo de Melanie Klein en el pensamiento de Donald Winnicott, explicitando algunas de sus continuidades y rupturas. En primer lugar, se trata de presentar un criterio epistemológico/metodológico para establecer una posible comunicación entre diferentes sistemas semántico-teóricos en el psicoanálisis, considerando, entonces, los fenómenos descritos (y no los conceptos) como foco de análisis y comunicación. Luego, pretende reanudar, para un análisis crítico, una serie de posibilidades de comprensión de las relaciones existentes entre las propuestas de Klein y Winnicott, empezando por los propios comentarios de Winnicott y, luego, profundizando el tema con los análisis críticos de Adam Phillips, John Padel, Joseph Aguayo, André Green, Susan Kavalier-Adler y Jan Abram y Robert Douglas Hinshelwood. Al final, se busca reanudar la forma en que Klein describe el fenómeno de la *envidia innata* para mostrar que, aunque Winnicott rechaza esta hipótesis, reconoce la *envidia* (incluso a una edad temprana, pero proveniente de ciertas condiciones específicas o producida por ellas) como un hecho de la existencia humano.

Palabras clave: Klein; Winnicott; Metodología; Influencias; Fenómenos; Envidia

Referências

Abram, J., & Hinshelwood, R.D. (2018). *The clinical paradigms of Melanie Klein and Donald Winnicott. Comparations and dialogues*. London: Routledge.

Aguayo, J. (2002). Reassessing the clinical affinity between Melanie Klein and D.W. Winnicott (1935-51): Klein´s unplublished 'notes on baby´ in historical context. *The International Journal of Psychoanalysis, 83*(5), 1133-1152.

Ehrlich, R. (2004). Winnicott's response to Klein. *Psychoanalytic Quarterly, 73*, 453-484.

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Freud, S. (1953). Three essays on the theory of sexuality. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud – A case of hysteria, Three essays on sexuality and Other works,* (Vol. 7 – 1901-1905, pp. 125-246). London: Hogarth. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (1957). On the history of the psycho-analytic movement. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud – On the history of the psycho-analytic movement, Papers on metapsychology and Other works,* (Vol. 14 – 1914-1916, pp. 3-66). London: Hogarth. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (1955). Two encyclopaedia articles. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud – Beyond the pleasure principle, Group psychology and Other works,* (Vol. 18 – 1920-1922, pp. 234-260). London: Hogarth. (Trabalho original publicado em 1923a)

Freud, S. (1961). The Ego and the Id. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud – The Ego and the Id and Other works,* (Vol. 19 – 1923-1925, pp. 3-66). London: Hogarth. (Trabalho original publicado em 1923b)

Freud, S. (1964). New introductory lectures on psycho-analysis. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud – New introductory lectures on psycho-analysis and Other works,* (Vol. 22 – 1932-1936, pp. 3-182). London: Hogarth. (Trabalho original publicado em 1933)

Fulgencio Junior, L.P. (2005). Freud's metapsychological speculations. *International Journal of Psychoanalysis, 86*(1), 99-123.

Fulgencio Junior, L.P. (2010). Aspectos gerais da redescrição winnicottiana dos conceitos fundamentais da psicanálise freudiana. *Psicologia USP, 21*(1), 99-125.

Fulgencio Junior, L.P. (2012). Críticas e alternativas de Winnicott ao conceito de pulsão de morte. *Ágora, 15*(Especial), 469-480.

Fulgencio Junior, L.P. (2013a). Ampliação winnicottiana da noção freudiana de inconsciente. *Psicologia USP, 24*(1), 143-164.

Fulgencio Junior, L.P. (2013b). A redescrição da noção de Superego na obra de Winnicott. Rabisco. *Revista de Psicanálise, 3*, 153-168.

Fulgencio Junior, L.P. (2013c). A situação do narcisismo primário. Revista Brasileira de Psicanálise, 47(3), 131-142.

Fulgencio Junior, L.P. (2014a). Aspectos diferenciais da noção de ego e de self na obra de Winnicott. *Estilos da Clínica, 19*(1), 183-198.

Fulgencio Junior, L.P. (2014b). A necessidade de ser como fundamento do modelo ontológico do homem para Winnicott. In *A fabricação do humano* (pp. 145-159). São Paulo: Zagodoni.

Fulgencio Junior, L.P. (2014c). A noção de Id para Winnicott. Percurso. Revista de Psicanálise, XXVI(51), 95-104.

Fulgencio Junior, L.P. (2015). Discussion of the place of metapsychology in Winnicott's work. *The International Journal of Psychoanalysis, 96*(5), 1235-1259. doi: 10.1111/1745-8315.12313. Republicado em Fulgencio Junior, L.P. (2017). Discussão do lugar da metapsicologia na obra de Winnicott. *Livro Anual de Psicanálise, 31*(2).

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Fulgencio Junior, L.P. (2018). As especulações metapsicológicas de Freud. In *A bruxa metapsicologia e seus destinos* (pp. 33-74). São Paulo: Blucher.

Fulgencio Junior, L.P. (2020a). *Psicanálise do ser. A teoria winnicottiana do desenvolvimento emocional como uma psicologia de base fenomenológica*. São Paulo: EDUSP-FAPESP.

Fulgencio Junior, L.P. (2020b). Incommensurability between paradigms, revolutions and common ground in the development of psychoanalysis. *The International Journal of Psychoanalysis, 101*(01), 13-41. doi:10.1080/00207578.2019.1686389

Fulgencio Junior, L.P., Simanke, R., Imbasciati, A., & Girard, M. (Eds.). (2018). *A bruxa metapsicologia e seus destinos*. São Paulo: Blucher.

Green, A. (2005a). Winnicott at the start of the third millennium. In L. Caldwell (Ed.), *Sex and sexuality: winnicottian perspectives* (Winnicott Studies Monograph Series) (pp. 11-31). London: Karnac.

Green, A. (2005b). Winnicott en transition, entre Freud et Melanie Klein. In *Jouer avec Winnicott* (pp. 43-66). Paris: Puf.

Green, A. (2010[2005]). Origines et vicissitudes de l'Être dans l'oeuvre de Winnicott. *Revue Française de Psychanalyse, 4*(75), 1151-1170.

Greenberg, J.R., & Mitchell, S.A. (1983). *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Kavalier-Adler, S. (2014). *The Klein-Winnicott dialectic. Transformative new metapsychology and interactive clinical theory.* London: Routledge, 320 p.

Klein, M. (1991). As origens da transferência. In *Obras completas de Melanie Klein* (Volume III. Inveja e gratidão e outros trabalhos 1946-1963) (pp. 70-79). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1952)

Klein, M. (1997). Inveja e gratidão. In *Obras completas de Melanie Klein* (Volume III. Inveja e gratidão e outros trabalhos 1946-1963) (pp. 205-267). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957)

Likierman, M. (2007). Donald Winnicott and Melanie Klein: compatible outlooks? In L. Caldwell (Ed.), *Winnicott and the Psychoanalytic Tradition* (pp. 112-127). London: Karnac.

Marchiolli, P.T. d. O., & Fulgencio Filho, L.P. (2012). O complexo de Édipo nas obras de Klein e Winnicott: comparações. *Ágora, 16*(1), 105-118.

Padel, J. (1991). The psychoanalytic theories of Melanie Klein and Donald Winnicott and their interaction in the British Society of Psychoanalysis. *Psychoanalytic Review, 78*, 315-345.

Phillips, A. (1988). *Winnicott*. São Paulo: Idéias & Letras, 2007.

Roussillon, R. (2009). *Transitionnel et réflexivité. Les Lettres de La Société de Psychanalyse Freudiene, Winnicott, un psychanalyste dans notre temps* (21), 123-140.

Winnicott, D.W. (1983a). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 38-54). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1960)

Winnicott, D.W. (1983b). Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C.

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

S. Ortiz, Trans., pp. 156-162). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1965)

Winnicott, D.W. (1988). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Winnicott, D.W. (1994a). Resenha de *Envy and gratitud*. (Parte I do cap. 53 – Melanie Klein: sobre o seu conceito da inveja). In *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott* (pp. 338-340). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1959)

Winnicott, D.W. (1994b). Pós-escrito: D.W.W. sobre D.W.W. In *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott* (pp. 433-443). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989)

Winnicott, D.W. (1994c). Primórdios de uma formulação de uma apreciação e crítica de enunciado kleiniano da inveja. (Parte II do cap. 53 – Melanie Klein: sobre o seu conceito de inveja). In *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott* (pp. 340-347). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989)

Winnicott, D.W. (1994d). Contribuição a um simpósio sobre inveja e ciúme (Parte IV do cap. 53 – Melanie Klein: sobre o seu conceito de inveja). In *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott* (pp. 350-352). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989)

Winnicott, D.W. (1999). Crescimento e desenvolvimento na fase imatura. In *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 29-41). São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Trabalho original publicado em 1965)

Recebido em 30/03/2020
Aceito em 20/05/2020

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Regina Orgler Sordi**

Leopoldo Pereira Fulgencio Junior
Av. Prof. Mello Moraes, 1721/164 – Bloco A
Cidade Universitária
0508-030 – São Paulo – SP – Brasil
lfulgencio@usp.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de